

A viuvez: A representação da morte na visão masculina e feminina

*Widowhood: The representation of death through
male and female vision*

Marcela Eiras Rubio
Kátia Silva Wanderley
Maurício Miranda Ventura

RESUMO: O artigo apresenta o entendimento da viuvez, a partir da vivência pós-morte do cônjuge, o que muda para o viúvo acima de 65 anos e para a viúva acima de 65 anos. Os conflitos psíquicos na identidade do idoso e as consequências que acarretam. A viuvez do homem tem como consequência o fim dos cuidados pessoais oferecidos pela mulher. Para a mulher viúva, sua vida muda com o fim daquele que lhe proporciona a autoridade, mas ao mesmo tempo o ganho da liberdade. Ao entender o fenômeno da viuvez leva-se em consideração a singularidade e subjetividade humana, mas resgatando a diferença de gênero.

Palavras-chaves: Idoso; Luto; Viuvez Masculina; Viuvez Feminina.

ABSTRACT: *The article presents an understanding of widowhood through the after death of spouse experience, what brings considerable changes for both widow and widower over 65 years old. Psychic conflicts in the identity of the elderly and the consequences that it might bring. As consequence, the man's widowhood can cause great loss of woman's care, on the other hand, woman's life also changes after losing the authority, but at the same time freedom, provided by man. By understanding the phenomenon of widowhood we can start taking in consideration its uniqueness and human subjectivity rescuing the gender differences, though.*

Keywords: *Elderly; Mourning; Male Widowhood; Female Widowhood.*

Introdução

O luto pode ser entendido, segundo Bromberg (2000), como um conjunto de reações a uma perda significativa. O enlutamento é o processo de adaptação a essa perda.

Entendemos que se existe uma necessidade de se passar adiante as roupas do falecido, geralmente como um estímulo, contado por Didion (2006) como fazendo parte das coisas que sempre são feitas depois de uma morte. Isso faz parte do ritual, é uma espécie de dever a ser cumprido. Tentamos manter vivos os mortos, para mantê-los conosco. Existe uma hora que precisamos abandonar os mortos, deixá-los ir, mantê-los mortos. Deixar que se tornem uma fotografia em cima da mesa, um nome nas contas do inventário.

O luto é um processo psicossocial onde há a transferência da vinculação em relação a um objeto perdido, perante a irresponsabilidade do seu desaparecimento físico. Rebelo (2005) confirma que no luto há uma desorganização emocional.

O luto é entendido como uma constelação de reações psíquicas conscientes e inconscientes. Domingos (2003) diz que há uma perda significativa, o luto é uma experiência complexa que transcende o âmbito individual. O luto só é resolvido quando a pessoa perdida ao invés de esquecida é internalizada e tomada parte da pessoa que sofreu a perda e se adequar à realidade.

O fato de cada indivíduo experimentar perdas de maneiras diferentes intensifica a reverência pela singularidade do ser humano. Fukumitsu (2004) conta que lidar com perdas é um processo que pode ou não ter um fim. O luto não precisa necessariamente ser terminado, concluído. É, sim, um processo que precisa ser experienciado como parte de nosso desenvolvimento.

A vestimenta preta tem dois sentidos: o caráter sombrio da morte, que se desenvolve com a iconografia macabra, mas principalmente a ritualização mais antiga do luto; a roupa preta expressa o luto e dispensa a gesticulação mais pessoal e mais dramática, diz Ariès (1989).

A dor da morte é posta em relação, não com os sofrimentos reais da agonia, mas com a tristeza de uma amizade rompida. Ariès (1990) coloca que a dor da saudade pode permanecer no coração do sobrevivente. G. Gorer (citado por Ariès, 1990) distingue três

categorias de enlutados: aquele que consegue esconder completamente a sua dor; o que a esconde dos outros, guardando-a para si mesmo; e o que a deixa aparecer livremente. No primeiro caso, o enlutado se obriga a proceder como se nada tivesse acontecido, continuando a sua vida normal sem qualquer interrupção. No segundo caso, quase nada transparece externamente e o luto subsiste em particular. Constitui, sem dúvida, a atitude mais aprovada pelo senso comum, que admite ser necessário tolerar algum desabafo, contanto que permaneça secreto. No último caso, o enlutado obstinado fica impiedosamente excluído como um louco.

Os sobreviventes aceitam com dificuldades a morte do outro. O luto é a dor por excelência cuja manifestação é legítima e necessária. Ariès (1997) fala da dor diante da morte de alguém próximo ser a expressão mais violenta dos sentimentos mais espontâneos.

É importante se falar do significado da perda do companheiro e as mudanças que são produzidas na viuvez, um acontecimento trágico ou natural da vida, que gera transformações. Tôrres (2006) define a viuvez, em latim *vidua*, significa “ser privado de algo”. Na vida de viúvo se adquire uma nova identidade social, surge um novo estado civil. Há alterações de questões históricas, sociais, culturais e religiosas.

É necessário o viúvo/viúva ser respeitado e trabalhado dentro de sua realidade. Compreender diferentes pensamentos, significados, com as possibilidades de intervir construtivamente no processo delicado de adaptações. Tôrres (2006) explica a necessidade de se perceber o que as mudanças representam. É necessário sensibilidade e empatia para poder perceber o que é vivido pelo outro. Investigar o significado da perda do conjuge e entender as alterações da vida, desorganização, saudade, ausência e memória do objeto querido.

A viuvez feminina pode ser entendida, para algumas, como liberdade. É a sensação de quando as mulheres são maltratadas pelos maridos. Para muitas o isolamento social foi dado quando se casaram, a viuvez pode ser um “alívio”, a mulher tem mais tempo, pode ser mais independente. Tôrres (2006) diz que as viúvas sempre foram um grupo marginalizado, uma ameaça à moral e aos bons costumes. Viúva é sinônimo de privação, recolhimento. A mulher perdia o status de esposa, eram submissas aos homens e responsável pelo cuidado do lar, filho e marido.

Método

A pesquisa de natureza exploratória apresenta a investigação da representação da morte na visão masculina e feminina a partir de relatos de experiências de pacientes idosos, viúvos, de ambos os sexos acima de 65 anos, do Hospital do Servidor Público Estadual – Francisco Morato de Oliveira.

As questões que nortearam a entrevista englobavam o tempo de casado e como foi o relacionamento e o tempo de viuvez e como reagiu, reage a esta situação. Os participantes não têm histórico de demência e no quadro a seguir apresentam-se as informações das entrevistas. Os nomes são fictícios para a preservação dos pacientes.

Paciente	Idade	Local da Entrevista	Data da Entrevista
Homero	94 anos	Enfermaria de Geriatria	28/05/2010
Alberto	82 anos	Enfermaria de Geriatria	23/06/2010
Maria	67 anos	Ambulatório de Geriatria	25/08/2010
Tânia	76 anos	Enfermaria de Geriatria	21/09/2010

Resultados

Tendo base no foco de histórico de união de matrimônio e reações dadas à viuvez, Homero contou de seu casamento de 65 anos e mais 12 de namoro. Uma noite, ele e sua esposa estavam dormindo e o teto caiu sobre eles. Ele teve ferimentos e sequelas no olho; ela faleceu. Contou que ela às vésperas de completar 94 anos ainda era ativa, cozinhava, passava, lavava, fazia tricô e bordava. Chamava-a de “A patroa”. Viúvo há um ano, diz que já pensou em se jogar da janela e tomar comprimidos para morrer. Diz que também já perdeu todos seus amigos, que já faleceram. Ao receber a alta, ele diz que não quer ir embora, mas sim morrer. Diz que filhas o culpam pelo acidente, pois no dia que o teto caiu tinha visto uma rachadura e não fez nada. Homero diz que o que passa com seus filhos é um castigo, quando perdeu sua esposa, perdeu a sua família.

Alberto foi casado por 55 anos e mais 4 de namoro. Conta que não tinham muito lazer, ele trabalhava muito e ela como dona de casa, não tinham muito tempo para passeios. Ela era muito ciumenta. Nos últimos 15 anos de vida, sua esposa adoeceu por um quadro clínico que se agravou muito. Estava ficando muito depressiva, com medo de morrer. Fez um exame de colonoscopia e perfuraram seu intestino, ela teve uma grande hemorragia que causou infecção e seu falecimento. Viúvo há 4 anos diz que sente falta da comida de sua esposa, sente muito a falta dela, e ainda sofre muito. Todo domingo vai ao cemitério com um de seus filhos. Diz que nunca desistiu dela e o que pôde fazer, fez. Após dois anos de viuvez iniciou relacionamento com outra mulher.

Maria teve 37 anos de casamento. Seu namoro foi muito rígido, com data e hora marcada. Namoraram por 3 anos antes do casamento. Disse que demorou a se adaptar a vida a dois, devido à personalidade de seu marido. Era muito fechado e nunca tinha sua companhia. Não tiveram muitos atritos, mas não tinham muita convivência, nem diálogo. Após o nascimento dos filhos que se aproximaram mais e assim também se comunicaram. No começo do casamento seu marido era bem sério e frio até pensavam em se separar, mas depois melhorou. Depois veio o problema de saúde dele, câncer. Diz não ter chorado na morte do marido. Após 10 anos de viuvez, conta que se apegou muito na neta, nascida no mesmo ano do falecimento do marido. Mas confessa que sente muito a falta dele, porém percebe que é importante continuar vivendo bem. Era muito dependente dele, após a viuvez sente mais liberdade.

Tânia teve 5 anos de namoro, mais 49 de casada. Diz que seu marido sempre foi muito controlador, ciumento. Não a deixava ter amigas, nem receber visitas. Seu marido começou a ter problemas cardíacos e fez uma cirurgia com sua expectativa de vida sendo de cinco anos; viveu treze. Ela gostava de ter sua liberdade, sair e o marido não participava de passeios em família. Não se comunicavam. Tinham muitos conflitos, viviam brigando. Agora com dois anos de viuvez diz que está tudo ótimo, devido ao difícil relacionamento com ele. Observa que só não está melhor porque ela vive doente, refere que agora tudo está na paz de Deus. Nem quer ir ao cemitério rezar, conta que ele não queria rezar, queria brigar. Ela diz que ele não merece. Conclui que agora ela tem a vida que pediu a Deus.

Discussão

A partir dos resultados obtidos, entendemos no discurso de Homero um estado muito depressivo, com ideias suicidas, só trazendo lembranças com muita angústia. Possivelmente a esposa de Homero não era apenas um pilar para a vida dele, mas na de suas filhas, da família toda também. Era a dona da casa, a “patroa” como ele mesmo a nomeia. É a pessoa responsável pelo cuidado e serviços da casa, sem ela, todos ficaram sem esse cuidado.

A imagem que a esposa tem em sua vida é a de companheira e serviçal. Nessa família ela ocupa o lugar do zelo materno, que suas filhas também assim sentiram, quando não se conformam que perderam essa estrutura. A falta que ela significa na vida dessa família toda acarreta desarmonia e conflitos familiares. Ele não pode oferecer a elas o que a mãe oferecia.

A tragédia, o acidente, o inesperado, trouxe a esse paciente um humor depressivo e melancólico. Percebe-se um ideal de morte, de provocar a própria morte. Ser o único que sobrevive ainda no grupo de amigos dá-lhe a inutilidade, junto com a relação da culpa da rachadura vista e o castigo de ser acusado pelas filhas. Em seu discurso, Homero apresenta sofrimento com maus-tratos psicológicos, como no estudo de Giraldo (2006) em pesquisa dos fatores de violência às pessoas idosas, como uma das problemáticas do envelhecimento.

O luto é uma manifestação de defesa, a aceitação desse sentimento pode reafirmar a perda. Oliveira e Lopes (2008) dizem que o luto pode nunca acabar, é a relação que se mantém com o falecido. Luto é considerado a perda real, a melancolia é inconsciente, o objeto é perdido, e não se sabe o que se perdeu. Na viuvez do Homero, ele mantém vivo os sentimentos em relação à esposa. Pinho (2008) afirma que a mulher é responsável pelas tarefas domésticas e refeição. O Homero mostra que não está sendo servido e é dessa representação que sente falta.

Freud (1915), no texto “Os Instintos e suas Vicissitudes”, nos conta que a pulsão é um estímulo, é uma necessidade, que quando eliminada nos traz satisfação. Relacionando que Homero trouxe muitos fatos positivos em seu relacionamento/casamento com esposa; essa pulsão de vida é interrompida a partir do momento da falta, da perda, dando seguimento a reações de pulsões de morte, quando falado nos pensamentos suicidas, há o desinteresse e não investimento em nada.

Através do objeto/pessoa esposa, Homero tinha plena satisfação; ser amado, servido, cuidado era correspondido em seu narcisismo, havia investimento em seu próprio ego, um investimento de libido de modo passivo; que agora com a morte real de fato do objeto, que foi perdido não é mais correspondido.

Freud (1915), no texto “Luto e Melancolia”, diz que a melancolia é um afeto normal de quem passa pelo luto. O luto de modo geral, é a reação à perda de um ente querido. Melancolia, segundo Freud, é um desânimo penoso, falta de interesse pelo mundo externo, diminuição dos sentimentos e autoestima. No luto, a perturbação da autoestima está ausente. No luto, o mundo se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego, a perda real do objeto, morte.

No caso do Alberto, percebe-se uma independência nas funções conjugais, não desfrutavam de muito tempo juntos, ele trabalhava muito, simbolizando o lado financeiro do casamento, e ela dona de casa, ocupada na criação dos filhos e organização do cotidiano doméstico. Não sente culpa, nem alívio, mas uma sensação de dever cumprido dentro das possibilidades de seu quadro de saúde que apresentava muitas complicações e relatou que o que pôde fazer, fez. A ida ao cemitério, não o faz aceitar a perda, como comenta que nunca desistiu, ainda não desiste de manter viva a imagem e lembranças que tem dela.

A pulsão na satisfação de Alberto, também é a partir dos cuidados, de sua comida e nos afazeres domésticos (pulsão de vida). Na pulsão de morte é sentido, mas não mantido. Alberto substitui um novo objeto de amor. O trabalho de luto se concluiu. O ego está outra vez livre e desinibido. O ego superou a perda do objeto, o luto pela perda. O luto normal que superou a perda do objeto encontrou outro (companheira) que substitui a perda real do objeto morto. Estatisticamente há maior proporção na longevidade das mulheres, e assim conseqüentemente maior proporção de viúvas. Culturalmente os homens casam-se novamente e com mulheres mais jovens, como cita Caramano (2003).

Com o relato de Maria, percebe-se uma dificuldade em se adaptar ao objeto escolhido, seu marido. Após o nascimento dos filhos que encontra uma pulsão de vida, no marido, uma família construída. Conseguindo assim aproximação de seu objeto escolhido. Chegou a pensar em separar-se dele, que não condizia com a completude que esperava. Após a morte do cônjuge não demonstrou inicialmente um abalo com a perda desse objeto.

Existem três grandes áreas onde cada membro do casal se relaciona com o outro. Feres-Carneiro (1998) apresenta Dicks (1967) citando como primeiro, o encontro das expectativas mútuas, conscientes. Em segundo, a extensão da expectativa integrando o casal ao seu meio cultural e por último o inconsciente complementa os papéis entre si. A formação de compromisso entre as relações objetais inconscientes estão sempre em conflito entre desejos conscientes e as expectativas mútuas.

Feres-Carneiro (1998) cita Lemaire (1988), que conta que o casal mistura suas fronteiras e se constituem em torno das zonas mal definidas do “eu” de cada cônjuge. Duas individualidades constituem uma conjugalidade. A identidade conjugal é criada pela memória em comum. Maria consegue substituir o objeto por outro membro familiar, a neta. A perda de seu objeto deu-lhe liberdade e assim não precisa dar satisfações ao novo objeto escolhido, como antes o era.

A maioria das mulheres abriu mão da realização pessoal em outras áreas. Monteiro (2002) fala da identidade e autoestima das idosas que são vivenciadas de forma dependente das realizações dos maridos e filhos. Os anos de velhice correm sem sentido individual. As novas gerações não têm mais o casamento como veículo de articulação do amor.

A viuvez gera uma dor afetiva que depende do grau de identificação com o companheiro. Monteiro (2002) diz que se tem um rompimento com o passado, podendo trazer alegria, quando a relação era de autoritarismo e posse. Na perda há mudanças na rotina, e por vezes o idoso muda para casa de seus filhos.

A pulsão de vida manifestada na Tânia deve-se a seu casamento e a construção de uma nova família. Ao longo do convívio não consegue manter a harmonia do matrimônio. A autoridade do marido a fazia não investir mais nele. Com o problema cardíaco dele, aos poucos ia se despedindo pela própria expectativa que se colocava nele e o acompanhamento da doença. Assim como a mulher apresenta para a família e para a sociedade o seu novo estatus, o de viúva, como falam Baldin e Fortes (2008), Tânia já se preparava.

Quanto à sua pulsão de morte, não se deu de fato na morte do marido, mas no desinvestimento de seu casamento. Pelo discurso, a pulsão de vida volta com a morte dele. Agora tem a liberdade que tanto contestava anteriormente. Tem independência. O luto se dá no processo de casamento, não da morte em si. Possas (2008) conta da condição de viúva esta ligada à privação, solidão, desconsolo, estar em desamparo,

porém no caso de Tânia a viuvez é vista como um sentimento positivo, Nazaré e Soares (2007) explicam a emoção de alívio e aceitação. O ser humano só sobrevive porque o Outro o deseja, como observam Py e Trein (2006) que dizem que o único propósito da existência é a satisfação do desejo.

A velhice é marcada por múltiplas perdas, entre elas a perda do parceiro, que traz consequências. Doll (2002) conta que a partir daí surgem formas de recuperação e continuação da vida após a perda. Essa situação exige processo de elaboração e readaptação.

A viuvez possui diferentes significados para mulheres e homens. Porém a função do luto é a solução gradual da perda, para assim abrir a possibilidade de transferir a libido para um novo objeto. Para isso é necessária a elaboração. Doll (2002) conta da importância da interpretação do luto ser individual, a partir do padrão cultural em que se insere.

O ajustamento pode ser rápido, depois de uma perda já esperada, onde o luto tinha sido antecipado, ou com a morte do parceiro pode significar o fim de uma situação estressante, como no caso da Tânia.

Na elaboração, a pessoa se vê enfrentando o corte dos vínculos com a pessoa falecida. Faz-se assim a construção de uma biografia do falecido. Doll (2002) fala desse processo de integração da memória da pessoa falecida em sua vida atual.

Conclusão

A viuvez em seu sentido objetivo significa muito mais do que apenas a perda física do cônjuge. Ela acarreta na história da pessoa que fica o surgimento de novos sentimentos. O novo estado civil gera um novo sentido à sua identidade.

Como descrito em literatura, a reação diante da perda é subjetiva; porém através dos relatos de dois viúvos foi identificado e confirmado além da perda de seu objeto e papel social esposa, tiveram a perda daquela que lhes proporciona o cuidado; também sentem falta dos afazeres domésticos que lhe eram servidos, oferecidos.

Com o discurso de duas viúvas, também foi possível a afirmação que existe um sentimento de liberdade frente à perda do marido. Foi observado que a dependência nesse objeto lhe trazia desconforto na vida do matrimônio.

No processo do envelhecimento, a perda do cônjuge é um processo natural; mas

que traz consequências que necessitam ser elaboradas. Tendo assim a oportunidade de novas significações, o luto traz a possibilidade de reescrever sua história.

As perdas dos cônjuges nos discursos descritos contribuem para um melhor entendimento do ser humano e sua relação com o Outro. A importância de se analisar as reações frente à perda intensifica a singularidade do indivíduo e por outro meio a comparação dos gêneros masculino e feminino, resgatando situações culturais do processo do envelhecimento.

Referências

- Ariès, P. (1989). *O Homem diante da Morte*. (2ª ed., v1). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ariès, P. (1990). *O Homem diante da Morte*. (2ª ed., v.2). Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Ariès, P. (1997). *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Baldin, C. B. & Fortes, V.L.F. (2008, janeiro/junho). Viuvez feminina: a fala de um grupo de idosas. *RBCEH*, 5(1), 43-54.
- Bromberg, M.H. (200). *A psicoterapia em situações de perdas e luto*. São Paulo: Livro Pleno.
- Camarano, A.A. (2003). Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? *ABEP*, 17(49), 35-63.
- Didion, J. (2006). *O ano do pensamento mágico*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Doll, J. (2002). Luto e viuvez na velhice. In: Freitas, E.V. et al. *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (pp. 999-1012). Rio de Janeiro: Guanabara.
- Domingos, B. (2003). Experiências de perda e de luto em escolares entre 13 e 18 anos. *Psicologia Reflexão e Crítica*. .
- Feres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-94.
- Freud, S. (1990). *Luto e melancolia*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1990). Os Instintos e suas Vicissitudes. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago.
- Fukumitsu, K. (2004). *Uma visão fenomenológica do luto: um estudo sobre as perdas no desenvolvimento humano*. São Paulo: Livro Pleno.
- Giraldo, L. (2006). Análisis de la información estadística: Encuesta sobre Maltrato a Personas Adultas Mayores en el Distrito Federal 2006 (EMPAM-DF). *Colmex, Instituto de Investigaciones Sociales (UNAM) y El Colegio de México*, México, D.F.: 55.

- Monteiro, D.M. (2002). Afetividade, Intimidade e Sexualidade. *In: Freitas, E.V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 943-9. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Nazaré, B. & Soares, A. (2007). O processo de luto. Adaptado de: Worden, J. W. (2001) *Grief counselling and grief therapy: A handbook for the mental health practitioner* (3rd ed.). Hove: Brunner-Routledge.
- Oliveira, J.B.A; Lopes, R.G.C. (2008). O processo de luto no idoso pela morte de cunjuge e filho. *Psicologia em Estudo*, Maringá, 13(2), 217-21.
- Pinho, M.X. (2008). A velhice em uma visão geriátrica e gerontológica. Contribuições da psicologia. *In: Ribeiro, A.A. & Almeida, C.P. (Orgs.). Psicologia em Cardiologia: novas tendências*. São Paulo: Alínea e Átomo.
- Possas, L.M.V. (2008). Mulheres e Viuvez: recuperando fragmentos, reconstruindo papéis, *Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder*. Florianópolis.
- Py, L; Trein, F. (2002). Finitude e infinitude: dimensões do tempo na experiência do envelhecimento. *In: Freitas, E.V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia*, 1013-19. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Rebello, J.E. (2005). Importância da entre ajuda no apoio a pais em luto. *Análise Psicológica*. Lisboa.
- Tôrres, E.M. (2006). A Viuvez na Vida dos Idosos. Dissertação de mestrado em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Recebido em 12/12/2010

Aceito em 25/03/2011

Marcela Eiras Rubio - Psicóloga do Aperfeiçoamento em Gerontologia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.

E-mail: marcela.eiras.rubio@gmail.com

Kátia Silva Wanderley - Psicóloga Diretora do Serviço de Psicologia do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.

E-mail: katzpsi@uol.com.br

Maurício Miranda Ventura - Médico-Geriatra Diretor do Serviço de Geriatria do Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo.

E-mail: mauricioventura@uol.com.br